

# Judeus de bombachas: marcas de gênero na imigração judaica no Rio Grande do Sul

*Jews in baggy trousers: Brands of gender in Jewish immigration in Rio Grande do Sul*

**Bruna Krimberg von Mühlen**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
brunakm.psic@gmail.com

**Marlene Neves Strey**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
streyrn@puers.br

## Resumo

Esta pesquisa parte de um caminho interdisciplinar através dos estudos de Geografia de Gênero e do conceito de aculturação da Psicologia Intercultural, focando que a migração impulsiona mudanças de atitudes, valores e identidade entre outros aspectos, referentes às relações de gênero. Tomamos a imigração judaica no Rio Grande do Sul como ponto de partida, visto que a imigração dessa etnia é pouco estudada a luz das teorias de Gênero. O trabalho consistiu em uma análise documental de entrevistas realizadas com imigrantes e descendentes da etnia judaica, pelo Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Como resultado, constatamos que imigrantes e seus descendentes passaram por um processo de aculturação em que suas identidades étnicas e de gênero ganharam novas marcas através de nova construção social.

Palavras-chave: imigração judaica; Geografia; gênero; aculturação.

## Abstract

This research started from an interdisciplinary way, through of studies of Gender Geography and the acculturation concept of Intercultural Psychology, focusing on that migration drives changes in attitudes, values and identity, among other aspects, related to gender relations. We took Jewish immigration in Rio Grande do Sul as a starting point for our research, since the migration of this ethnic group is poorly studied in the light of theories of Gender. This work consisted in a documentary analysis of interviews with Jewish immigrants and descendants, by Jewish Cultural Institute Marc Chagall. As result, we found that immigrants and their descendants have gone through a process of acculturation in which their ethnic identity and gender acquired new brands from a new social construction.

Keywords: jewish immigration; Geography; gender; acculturation.



Este trabalho tem como objetivo a investigação da identidade, cultura e gênero no processo da imigração judaica no Rio Grande do Sul, a partir de entrevistas já realizadas com imigrantes e descendentes dos imigrantes judeus, sob a luz da geografia de gênero e da geografia feminista.

A investigação a partir deste trabalho visou abrir caminho para que se possa contar a história dos movimentos migratórios e das consequências da opressão e discriminação, dos judeus de 'bombacha' que no seu processo migratório tem um ritual de aculturação particular, levando em consideração sua importância na formação da sociedade brasileira.

O processo social da imigração judaica no Rio Grande do Sul é um mosaico cujas faces se escrevem a cada relato pessoal. Tal processo é coletivo, apesar disso é um somatório das partes das vivências de cada imigrante, das emoções vividas na partida, na travessia e na chegada e vida em terras brasileiras.

### A Imigração judaica no RS

A imigração judaica inicia-se a partir do final do século XIX e início do século XX para a América do Sul, especificamente para os países da Argentina e do Brasil, apresentando similitudes no que tange a ocupação do espaço, pois ambas tiveram raízes na colonização agrícola (PÓVOA, 2005).

Os judeus sempre sofreram perseguições, na Europa, mais especificamente na Rússia, os chamados Progroms - saques e destruições de casas - fazem parte da memória deste grupo étnico e emerge em situações de instabilidade e de violência (GUTFREIND, 2010). A consequência das perseguições foi o processo de migração (ICJMC, 1991). Assim, em 1891, com o intuito de ajudar os judeus a enfrentar as perseguições, foi fundada a Jewish Colonization Association (JCA – chamada de ICA) pelo barão de Hirsch, para estabelecer uma expatriação metódica e ordenada de judeus russos.

O Brasil foi um dos países escolhidos pela JCA, o começo se deu na província do Rio Grande do Sul, vista como adequada para o estabelecimento de colônias rurais, com terras férteis para agricultura, onde foram compradas terras para a criação da Colônia de Phillipson, cerca de Santa Maria, e a de Quatro Irmãos, perto de Erechim (CRUZ, 2009). O início desta colonização foi em 1904, quando a colônia de Phillipson recebeu os primeiros imigrantes (GUTFREIND, 2009). Deste modo, fugiam das perseguições antisemitas na Europa, sabendo-se que na Segunda Guerra foram alvo de intensa perseguição e aniquilamento (PÓVOA, 2005).

A JCA adquiriu, de início, cerca de 5.767 hectares de terra na região de Santa Maria, distante a 25 km daquela cidade. Entre os anos de 1904 a 1924, a JCA formou uma segunda colônia agrícola além da de Phillipson, a colônia Quatro Irmãos. Essa colônia foi uma experiência mais bem sucedida; nessa área, os colonos já demonstraram tendência melhor de adaptação para uma vida social judaica. Porém, devido ao sistema tutelar burocrato-filantrópico da direção da JCA, impróprio para o desenvolvimento de empresa dessa natureza, e por falta de estímulo, os colonos de Quatro Irmãos começaram a emigrar para a cidade, antes de conseguirem formar uma camada de verdadeiros agricultores (PÓVOA, 2005).

Os imigrantes se desiludiram por falta da atenção dos governantes do Brasil, em específico o do Rio Grande do Sul, que não seguia a risco o trato feito com a JCA. A ambição por uma vida mais confortável e o anseio de atingir uma melhor situação econômica levou os colonos agrícolas a desenvolverem um pequeno comércio nas vilas adjacentes e/ou abandonarem as atividades do campo e se instalando em cidades como Porto Alegre, Santa Maria, Uruguaiana, Erechim, Pelotas e Passo Fundo (PÓVOA, 2005).

Em 1937, a Constituição dizia no art. 2º, sobre a imigração, que a União tinha o direito de “limitar ou suspender, por motivos econômicos ou sociais, a entrada de indivíduos de determinadas raças ou origens, ouvido o Conselho de Imigração e Colonização”. Após o fim da Segunda Guerra, o Decreto-Lei 7.967, de setembro de 1945, dizia no artigo 1º: “Todo estrangeiro poderá entrar no Brasil desde que satisfaça às condições desta lei”, que eram segundo o artigo 2º: “Atender-se-á, na admissão dos imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes de sua ascendência europeia” (ZAMBERLAM, 2004). Em tempos de guerra, havia uma política imigratória antijudaica no Brasil, inspirado nas Cartas fascistas da Itália e da Polônia (BERDICHEWSKI, 2001).

Em 1938, o decreto-lei 383 proibiu aos estrangeiros qualquer atividade política, sob pena de deportação e, em 1939 a portaria 2.277 exigiu que os jornais e publicações em língua estrangeiras publicassem a respectiva tradução no vernáculo. Essa exigência só foi cumprida pelos jornais judaicos. Já em 1941, ficou totalmente interdita a publicação em língua estrangeira e os dois diários em iídiche, foram fechados para nunca mais reabrirem (PÓVOA, 2005).

As discriminações afetavam todas as minorias étnicas, mas especialmente prejudicaram a vida social judaica, que foi reduzida às únicas atividades

permitidas por lei: as religiosas e beneficentes. E, nesse período, foram igualmente proibidas as atividades da Organização Sionista, a mais dinâmica e, ideologicamente, a mais representativa entidade da coletividade judaica. A vida social judaica ficou reduzida à sua expressão mais simples (LESSER, 1995).

O progresso da vida judaica foi interrompido e os judeus imigrantes ficaram espiritualmente inertes até 1945. Em 1946 novas tendências democráticas se manifestaram no país e as leis rígidas foram abrandadas e a vida judaica começou a pulsar novamente no Brasil (PÓVOA, 2005).

### Geografia de Gênero e Geografia Feminista

A Geografia de Gênero trata o gênero como uma dimensão da vida social que deve ser incorporada dentro das estruturas existentes, além de examinar as formas em que processos políticos, ambientais e sociopolíticos criam, reproduzem e transformam lugares em que vivemos e as relações sociais em que homens e mulheres vivem além das manifestações no espaço. Na imigração judaica, da Europa para o Brasil, é no espaço geográfico que acontece a construção social e de gênero, papéis e relações de gênero são distintos em espaços territoriais diferentes; e experiências diferenciais do espaço entre homens e mulheres podem ser observadas desde uma escala local – espaço cotidiano – até uma global – movimentos migratórios internacionais (MARTINEZ et al., 1995).

As Geografias Feministas são pesquisas feministas que têm o objetivo de atenuar as desigualdades baseadas no gênero em curto prazo e em longo prazo erradicá-las, através de mudança social, buscando uma transformação não só da geografia, mas também da forma em que vivemos e trabalhamos (MARTINEZ, et al., 1995). Já que a geografia está em toda parte, as discussões entre gênero e espacialidade são um interessante caminho para abrir nossas mentes para esse amplo, rico e complexo mundo (ORNAT, 2008).

O ponto de vista feminista do/a observador/a transparece na sua crescente sensibilidade em centralizar 'gênero' como uma categoria hierarquizadora que estratifica todos os momentos do processo migratório para todos aqueles envolvidos, homens e mulheres (KOSMINSKY, 2007).

Ao tratarmos de gênero, devemos evitar a falácia de que gênero diz respeito somente às mulheres, visto que gênero é uma categoria relacional. Assim, tomamos sempre como alusão a relação entre mulheres

e homens. Incluir gênero como categoria mediadora nos estudos migratórios permite ao pesquisador/a informações sobre as causas, consequências e processos da migração internacional, permitindo também uma ampliação da relação entre o local e o global. Quando o gênero é trazido à frente dos estudos migratórios, vários temas podem surgir entre os quais, como mulheres e homens vivenciam a imigração de forma diferenciada e como este fato interfere na sua inserção e adaptação (KOSMINSKY, 2004).

Considerando que o mundo é estruturado a partir de dois polos, masculino e feminino, esses papéis de gênero seriam diariamente retrabalhados, demonstrando sua característica de instabilidade, temporalidade e espacialidade (BUTLER, 2003). Esses papéis são sustentados pela imposição aos corpos da linearidade de sexo-gênero-desejo, pois se espera que corpos nomeados como macho ou fêmea desempenhem papéis correspondentes de masculinidade e feminilidade, mas o sexo vai muito além de um fato, um dado, é significado e elaborado culturalmente pelas sociedades e, por isso mutável, variável e aberto a mudanças. Através de relações culturais e interações cotidianas que o sexo transforma-se em gênero, a partir de construções espaços-temporais específico. Tais relações são explicáveis quando associadas ao conjunto de ideias que uma cultura específica constrói em relação ao que é ser homem ou mulher, um conjunto de comportamentos que são esperados das pessoas, diferenciados no espaço e no tempo (ORNAT, 2008).

Conceituar 'gênero' como um processo aberto a mudanças denota produzir uma perspectiva mais orientada para a práxis, na qual as identidades de gênero, as relações e as ideologias são fluidas e não fixas. Gênero é um fator fundamental que organiza a vida social, e tem atuado desde o início da existência humana, um fato que não pode ser afirmado para a maioria das outras forças sociais estratificadoras, tais como: 'classe social' e 'raça'. Contudo, 'gênero' não pode ser visto e analisado de forma isolada. Mais do que isso, 'gênero' é dinâmico e se articula com outras linhas de diferenciação ('classe social', 'raça', 'etnia', 'geração', 'orientação sexual'), levando-se em consideração que todas essas diferenciações sociais compreendem estruturas de poder. Essas forças são construções sociais e, portanto, não são naturais, categorias inatas ou características. A pesquisa geográfica de gênero permite observar o gênero operando em distintos aspectos da migração (KOSMINSKY, 2007).

Certos corpos têm suas identidades apontadas como sendo diferentes ou marginais, e estando relacionadas a espaços particulares, enquanto outros

são considerados normais e, muitas vezes, colocando-se como neutros no discurso dominante (ORNAT, 2008). Essas perspectivas ampliam a possibilidade de compreensão da ação humana nos movimentos migratórios.

### Aculturação

Todo processo migratório implica em uma ação de aculturação, o qual pode ser definido como o processo de troca quando grupos e indivíduos de etnias diferentes - no caso judeus europeus de diferentes nacionalidades e brasileiros - passam por contato constante uns com os outros e há consequentemente mudanças culturais nos indivíduos (MÜHLEN; DEWES; LEITE, 2010).

Os conceitos de relações de gênero são complementares a aculturação e necessários para compreender as migrações, pois estar em um novo espaço geográfico e cultural provoca ter que se aculturar e, assim, se desfazer de padrões de gênero da cultura do país de origem. Assim sendo, as migrações podem atuar como uma máquina que incentiva mudanças de representações culturais e atitudes referentes ao gênero (ALENCAR-RODRIGUES, 2009).

### Identidade móvel

A identidade é um processo multidimensional, que depende do tempo em que é conjugado, articulando entre si o passado, o presente e o futuro, ao mesmo tempo em que dissocia os espaços, as instituições e as categorias sociais (BASTOS, 2007).

A identidade étnica é a fonte de significado e experiência de um grupo. Os quais são diferenciados pelo idioma e cultura que o representam. Essas características de distinção representam fontes de significados definidas pelas próprias pessoas, mostrando que não nascemos com uma identidade e que ela é uma construção social que depende da cultura em que cada pessoa é inserida. Logo, a identidade é um processo de construção contínuo, permanecendo continuamente inacabado (PEDRO; FERREIRA; MORAES, 2009).

### Metodologia

Por se tratar de uma pesquisa documental, teve como ponto de partida o contato com o Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), que tem um Departamento de Memória Judaica, o qual preconiza a preservação da memória judaica a partir de entrevistas

realizadas com imigrantes de etnia judaica que vieram de diversos países da Europa para Porto Alegre. Tais entrevistas sobre a imigração são arquivadas em um Acervo de História Oral para que pesquisadores interessados em desenvolver estudos sobre essa etnia possam ter como base o Acervo do ICJMC. Algumas das entrevistas foram selecionadas e catalogadas no livro do ICMJ 'Histórias de Vida – Imigração Judaica no Rio Grande do Sul' volume I (CHAGALL, 1991). E através de depoimentos registrados nesses catálogos realizei esse trabalho.

Todas as entrevistas realizadas têm um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Marc Chagall que é assinado por cada entrevistado que colaborou ou colabora com seu depoimento. Serão tomadas todas as medidas, quanto ao cuidado sobre informações que possam levar à identificação dos entrevistados, para assegurar o sigilo.

### Depoimentos e Discussão

Levando em consideração as formas em que processos políticos, ambientais e sociopolíticos criam, reproduzem e transformam lugares em que vivemos e as relações sociais em que homens e mulheres vivem, seguem alguns depoimentos de imigrantes e descendentes dos imigrantes, sobre as dificuldades no processo de imigração:

*(...) Alguns anos passados eu, junto com um grupo de companheiros (...) conseguimos fazer a restauração do cemitério de Philippon (...). Inclusive o túmulo do meu pai está lá. (...). Foi uma homenagem assim, uma forma de nós agradecermos aos nossos pais, aos nossos avós, o que eles fizeram pela gente, os problemas que eles passaram, vindo lá da Europa para as terras, assim completamente desconhecidas. (Filho de imigrantes russos).*

Sendo as etnias judaicas o conjunto de ramificações da comunidade judaica, considerando-se a cultura e os países onde foram radicados, por causa de fatores temporais e espaciais, além de miscigenação e interpretação religiosa e filosófica, geralmente cada comunidade possui tradições diferenciadas de um grupo para outro. As fronteiras das identidades étnicas podem se tornar mais flexíveis ou mais rígidas no processo de imigração (POUTIGNAT, 1998), como na fala seguinte:



*(...) Aquela situação de ser meio judeu e a de ser alemão começou a dificultar a minha vida aqui no Brasil... Me levaram, me prenderam, me colocaram num campo, não de concentração, mas de ilegais... (Alemão, imigrou em 1941 para o Brasil).*

A discriminação à etnia judaica, o antissemitismo, tem sua origem nos primórdios da história da humanidade, judeus nunca foram considerados socialmente desejáveis na Era Vargas (CAMARATI, 2009), como observamos no recorte abaixo:

*Eu falei com um judeu que mora aqui no Brasil. Ele estava na guerra, na Rússia e ele conseguiu sair da Rússia... isso foi em 1941... E ele veio na época do Getúlio. E chegou na hora de entrar e ele foi vetado, não deixaram entrar por ser judeu. Havia discriminação muito forte na época do Getúlio. Ele tem o documento que estava escrito que ele não pode entrar por ser judeu. (Filho de imigrantes).*

Na Alemanha, representações sociais discriminatórias foram produzidas pela sociedade nazista em torno da etnia judaica (TEDESCO, 2011). É na referência aos fatores psicológicos e biológicos que se encontra o máximo do impulso primitivo para rejeitar o outro. A política da intolerância é responsável pelo antissemitismo, fascismo, comunismo, nazismo e todos os outros totalitarismos do século XX (CAMATI, 2009), como observamos na fala do imigrante argentino:

*A colônia alemã aceitou o nazismo e as ideias do nazismo. E chegou a haver em Porto Alegre, desfile de rapazes com a suástica nos braços. Houve intervenções do cônsul alemão e, frequentemente, a da Revista do Globo era apreendida por matérias antifascistas, a pedido da embaixada alemã ou italiana. (Argentino, imigrou em 1921 para Santa Maria).*

Judeus viveram séculos na Europa e fizeram de tudo para integrar-se à cultura local, aprendendo o idioma do país no qual estavam instalados, levando a uma rápida ascensão social acarretando em significativas contribuições à vida científica e cultural às sociedades na qual estavam inseridos (LAQUEUR, 2007). E no Brasil tiveram que passar por um novo processo de aculturação em um contexto cultural distinto, como percebemos nos relatos abaixo:

*Na Europa (pai) não tinha nada, tinha uma casa de chão batido e quando ele veio da Europa para cá, ele começou a trabalhar procurando semear, porque a ICA fornecia sementes. Mas ele sozinho não podia fazer nada, ele dependia dos nativos e isso era muito difícil para ele, porque ele não sabia a língua. (...) (Filha de imigrantes da Bessarábia).*

*No navio (...) eu aprendi todos os dias cem palavras, do húngaro para o português (...). (Imigrante romeno chegou em 1942 no Brasil).*

Os nazistas apostavam na descrença dos povos quando tomassem conhecimento dos fatos (crimes em massa). Estavam seguros de que ninguém acreditaria que seres humanos seriam capazes de cometer tamanhas atrocidades, era a “inimagibilidade” do holocausto, sua inverossimilhança (SANTANA, 2008), como bem relata a seguinte entrevistada:

*O meu sogro estava no campo de concentração e, meu marido foi para o Rio e pediu chorando um visto (...). Então um daqueles grandes homens disse: ‘Então dá para este judeu, também, o visto’ (...) Ele (o pai da entrevistada) era um super-alemão, dizia que não tinha necessidade de emigrar, que esse Hitler vai demorar uns meses e aí desaparece e vem de novo à democracia como eu estava acostumado (...). (Imigrante alemã).*

*O judeu, pela história que todo o mundo conhece, sofria perseguições desde a época do Egito, então os judeus sabiam que a riqueza que eles podiam carregar era a cultura, era uma profissão...”. (Filho de imigrantes).*

A ascensão do nazismo forneceu um modelo para o antissemitismo - concepções estereotipadas negativas sobre judeus (LESSER, 1995). Em 1933, os nazistas, recém-eleitos, organizaram um boicote de um dia a todas as lojas e negócios pertencentes a judeus na Alemanha:

*No dia 1º de abril foi um dia especial, que todas as casas judias, lojas judias, escritórios judeus, etc., tinha um homem encarregado com um cartaz: ‘Aqui não compre, porque o proprietário e atendente*

*são judeus'. No dia 30 de julho, tinha perdido meu emprego (...). Naturalmente, era relativamente fácil de resolver sair desse país, assim restringido das atividades, sempre com certo perigo de vida porque eles ficaram sempre um pouco mais agressivos do que no começo... (Alemão, imigrou para o Brasil em 1933).*

Quando chegavam aos campos, os prisioneiros judeus eram divididos em grupos, considerados demasiado fracos para trabalhar eram imediatamente assassinados em Câmaras de Gás (disfarçadas de chuveiros) e seus corpos eram queimados, enquanto os outros eram designados a campos de trabalho forçado onde eram usados como escravos, e depois mortos ou pelos nazistas ou pela fome (FINKELSTEIN, 2001), como quase morreu o imigrante polonês:

*O que me alimentou é que eu estava num vagão com centenas de prisioneiros e este vagão passeava como se a gente fosse gado, e as pessoas iam morrendo. Eles iam empilhando um morto em cima do outro, e num cantinho do vagão, tinha uma janelinha e como chovia, eu punha a mão e lambia a mão, e este era meu alimento. (Polonês que passou por campos de concentração).*

Ser judeu não é delimitado por uma origem nacional. A identidade judaica é principalmente um legado cultural, que, apesar de guardar certa relação com a religiosidade judaica não está delimitada por ela (NETO; CARDOSO; RICCIO; SAKATA, 2008), como percebemos no depoimento de um imigrante romeno:

*A colônia era grande, os judeus viviam muito bem, no sábado todos fechavam suas casas, iam para o Shil (Sinagoga), como se fosse à Europa. (...) (Romeno, imigrou para Quatro irmãos com a família).*

A imigração pode levar ao desafio da cultura patriarcal quando observamos as questões das relações de gênero (KOMINSKY, 2007). Como percebemos nos relatos dos seguintes imigrantes:

*Bom aí chegamos lá (colônias agrícolas da ICA), paramos lá naquele lugar, tinha casa grande, os imigrantes desceram e mulheres numa casa, homens noutra casa. (Imigrante Russo chegou ao Brasil em 1913).*

Os conceitos de feminilidade e masculinidade podem assumir diferentes significados em diversas culturas e pode ser diferente dentro de um mesmo grupo étnico. As mulheres imigrantes se veem ainda mais discriminadas por uma condição tripla de mulheres, imigrantes e trabalhadoras (MARTINEZ et al., 1995) como no relato abaixo:

*Uma vez me perguntaram: Seu marido está doente? E respondi: – Não, por quê? – Porque a senhora está trabalhando. E eu debati: – Precisa meu marido estar morrendo para eu trabalhar?*

Abaixo observamos que gênero não pode ser pensado de maneira isolada, pois gênero se articula com outros eixos que também são determinantes, como a questão da classe social:

*Às vezes tínhamos comida demais, às vezes de menos, mas todos trabalhavam e nós procurávamos viver. Até 1939 que saiu a Segunda Guerra Mundial. (...) Se eu não tivesse sobrevivido, o nome (da família) teria desaparecido, porque nem um dos meus irmãos – (...) – ninguém, ninguém se salvou! (Polonês, imigrou para Porto Alegre em 1948).*

As migrações impulsionam transformações de representações culturais e atitudes referentes ao gênero, como aconteceu com a neta dos imigrantes, já aculturada (pois antes eram apenas mães, hoje pais estão cada vez mais presentes):

*Eu trabalhei no colégio Idish, era círculo de pais e mestres, mas que naquela ocasião era só de mães... (Brasileira e neta de colonos de Philippon).*

Enfim, normalmente, um migrante deixa o seu país à procura de uma vida melhor, como relata um imigrante polonês:

*A ICA deu tudo. O que a gente ia perder? Trabalhar lá e trabalhar aqui, então, como diz a Bíblia, quando troca de lugar vai dar sorte, quem sabe? (Imigrante Polonês).*

## Resultados

Interessante perceber as diferenças e semelhanças no processo de imigração visto que apesar de se tratar

de imigrantes de uma mesma etnia, vieram de diferentes países europeus e em tempos distintos. Isso torna o processo de aculturação de cada imigrante único com características particulares.

Normalmente, um migrante deixa o seu país voluntariamente, à procura de uma vida melhor, o que aconteceu no caso de todos os que prestaram entrevista ao ICJMC, que foi o caso dos primeiros imigrantes judeus no Rio Grande do Sul, que vieram com a ICA, no início do século passado. No entanto, os que imigraram por causa da Segunda Guerra Mundial, por se tratar de pessoas perseguidas por motivos de religião que não podiam voltar para casa, se configuram como refugiados.

Independentemente de onde vieram e quando imigraram, todos os imigrantes passaram dificuldades. Inclusive os filhos e netos reconhecem e de alguma forma são atravessados pelas vivências de seus antepassados. Também interessante perceber que esses imigrantes e descendentes foram se modificando por causas externas. Tanto na Europa, quando foram vítimas de perseguições e tiveram que imigrar, tanto no Brasil, quando na Era Vargas tinham dificuldades de conseguir visto e, até mesmo, correrem risco de serem colocados em campos por ser judeu alemão e haver políticas ante a entrada de certas raças, como explícita a constituição de 1937.

Sobre as questões de gênero, interessante que no Brasil em 1913, mulheres iam para uma casa e homens para outra, ao chegar à Colônia agrícola que iriam viver. Já na Polônia, antes da guerra em 1939, homens e mulheres trabalhavam para ter comida em casa. E mesmo recentemente, brasileira e neta de colonos de Phillipson vivenciou situações em que reuniões no colégio judaico que eram para pais e mães, por muito tempo só mulheres participavam. Em contraste, uma senhora imigrante ao ser vista trabalhando no Brasil foi questionada se o marido estava doente, implicando que para uma mulher trabalhar (fora de casa) só se o homem estiver muito mal. Felizmente, no Brasil, há cada vez mais consciência de igualdade de gênero, como percebemos no caso de reuniões de mães e pais serem realmente para homens e mulheres, e que trabalho também pode ser para homens e mulheres. Ou seja, independente de questões de espaço e origem dos imigrantes, com o tempo, gradativamente homens estão assumindo papéis que antes eram considerados femininos, como exercer cuidados com o/a filho/a; e mulheres estão exercendo papéis que antes eram considerados masculinos, como trabalhar fora de casa.

## Considerações finais

Conhecer a história dos imigrantes judeus europeus

que chegaram ao Rio Grande do Sul é necessário, considerando que é uma das etnias que enriquecem o patrimônio cultural da sociedade brasileira.

O valor dos judeus para a sociedade que o acolheu é de extrema importância, pois não são poucos os descendentes desses imigrantes que atuam em áreas de elevada tecnologia e conhecimento no Brasil. Como bem relatou Povia (2005) os judeus desempenham o papel de cidadão brasileiro, porém preserva a sua identidade.

Como já havia constatado Kosminsky (2004), a comparação dos imigrantes, de origem europeia, que se fixaram de formas particulares na mesma sociedade permitiu verificar a plasticidade do processo de aculturação do imigrante em toda a sua riqueza e variedade, além de aspectos únicos da sociedade receptora, no caso o Brasil.

Entender o trajeto percorrido pelas civilizações que construíram a nossa história, contribuindo para a reconstituição étnica de nosso país sob a ótica de gênero é e foi neste trabalho de fundamental importância, pois possibilitou constatar que o gênero não é somente uma identidade ou papéis que aprendemos na infância, mas sim algo em movimento contínuo, influenciado pelo contexto cultural.

Por fim, profissionais – desde geógrafos a psicólogos – que têm consciência de noções de relações de gênero e aculturação podem ser mais capacitados para fazer intervenções na população imigrante.

Pesquisas em Geografia de gênero tem buscado compreender as questões metodológicas, referentes à identidade, cultura e espacialidade. Essa pesquisa sobre a imigração judaica é uma contribuição para essa ainda recente e nova área da Geografia, mas historicamente antiga, visto que questões de gênero sempre existiram. Enfim, ampliam as possibilidades de percebermos a riqueza da diversidade enriquecedora das diversas etnias que existem no Brasil e no Mundo, sob a luz de teorias de gênero.

## Referências

ALENCAR-RODRIGUES, Roberta de; STREY, Marlene Neves, et al. Marcas de gênero nas migrações internacionais das mulheres. **Psicologia & Sociedade**, v.21, n.3, p.421-430, 2009.

BASTOS, José Gabriel Pereira. A mudança na cultura - identidade, interculturalidade e hibridização cultural. **Cadernos de Museologia**, n.28, p.93-106, 2007.

BERDICHEWSKI, Ivone Herz. A adaptação, segunda parte: Terra gaúchas. In: Gladis W. Blumenthal (Ed.).

**Em terras gaúchas:** A história da imigração judaico-alemã Porto Alegre: Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência, 2001. A adaptação, segunda parte: Terra gaúchas, p.39-60.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMATI, Anna Stegh. Ser ou não ser judeu: Subversão de estereótipos raciais em o mercador de Veneza de Shakespeare. **Revista Letras**, n.77, p.57-68, 2009.

CHAGALL, Instituto Cultural Judaico Marc. **Imigração Judaica no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, v.I, 1991.

CRUZ, Natália dos Reis. A imigração judaica no Brasil e o antissemitismo no discurso das elites. **Política e Sociedade**, v.8, n.15, p.225-250, 2009.

FINKELSTEIN, Norman G. **A indústria do holocausto.** São Paulo: Record, 2001.

GUTFREIND, Ieda. A atuação da jewish colonization association (jca) no Rio Grande do Sul: A colônia Philippon. **Web Mosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, v.1, n.1, p.108, 2009.

\_\_\_\_\_. Imigração judaica no rio grande do sul: Pogroms na terra gaúcha? **Web Mosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall**, v.2, n.1, p.84-91, 2010.

KOSMINSKY, Ethel V. Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: Mulheres judias em São Paulo e em Nova York. **Cadernos Pagu**, n.23, p.279-328, 2004.

\_\_\_\_\_. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: Dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. **Estudos Feministas**, v.15, n.3, p.773-804, 2007.

LAQUEUR, Walter, Ed. **Os últimos dias na Europa:** Epitáfio para um velho continente. Rio de Janeiro: Lexikoned, 2007.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica:** Imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MARTINEZ, Ana Sabaté, MOYA, Juana Maria Rodriguez, et al. **Mujeres, espacio y sociedad:** Hacia una geografía de género. España: Síntesis, 1995.

MÜHLEN, Bruna Krimberg von, DEWES, Diego, et al. Stress e processo de adaptação em pessoas que mudam de país: Uma revisão de literatura. **Ciência em Movimento** n.24, p.59-68, 2010.

NETO, Sydenham Lourenço. Imigrantes judeus no Brasil, marcos políticos de identidade. **Locus**, v.14, n.2, p.223-237, 2008.

ORNAT, Marcio José. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. **Terra Plural**, v.2, n.2, p.309-322, 2008.

PEDRO, Helena Mara Dias, FERREIRA, Aline Silveira, & MORAES, Viviane Lopes de. Notas sobre identidade: Identidade no contexto contemporâneo. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v.3, n.6, p.232-239, 2009.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne, Eds. **Teorias da etnicidade:** Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth. São Paulo: Fundação da Editora da Unesped, 1998.

PÓVOA, Carlos Alberto. Da Argentina para o Brasil: A imigração organizada dos judeus. In: ANAIS DO X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, São Paulo, **Anais Do X Encontro De Geógrafos Da América Latina**, Universidade de São Paulo, 2005, p. 12035-12051.

SANTANA, Évila de Oliveira Reis. Auschwitz: “nunca mais”! **Iberoamerica Global**, v.1, n.4, p.224-246, 2008.

TEDESCO, João Carlos. O gênero na imigração: Redefinições de papéis e dinâmicas étnicas. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v.2, n.1, p.44-55, 2011.

ZAMBERLAM, Jurandir, Ed. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização.** Porto Alegre: Pallotti, p.179ed, 2004.

Recebido em: 19 de novembro de 2011.  
Aceito em: 15 de janeiro de 2012.